

UM AR DE «FAMA» NO CONSERVATÓRIO

CLASSES DE TEATRO EM EXAMES FINAIS

ALUNOS AFLITOS

SEM ESPAÇO PARA ENSAIAR

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

O eco das vozes propaga-se pelos corredores velhos de paredes altas. Umas fortes e graves, outras agudas, entrando no espaço alheio. De cada porta cerrada um vozear constante, um arrastar de móveis e de pés.

Vigas de madeira ao ombro, passa um jovem vergado sobre o peso do elemento de cenário. Outro segue-lhe os passos bambolantes. O interlocutor sopra palavras roucas sobre a secretária vazia do contínuo. «Professor», chama uma jovem, entreabrindo uma porta branca.

«Agora, não posso, atender, já disse! Estou no meio do ensaio!», grita espavorido José Paixoto o actor que faz de médico na série que está a passar na TV «Retalhos da Vida de um Médico». Mesmo ao lado, a nosa reportagem, que se preparava para começar a entrevistar os intervenientes na peça «As Cadeiras» de Ionesco, numa salinha pequena com um péco fora de moda, é interrompida por uma jovem que entra na sala de rompage.

«Preciso deste espaço para ensaiar urgentemente», diz resoluta, dirigindo-se a Graça Afonso, a encenadora. «Mas nós também... e hoje é o primeiro dia que utilizamos a sala», responde um tanto nervosa. Ponderada a questão, em poucas palavras, ficou decidido: «Vamos conversar para o corredor, não há mais salas disponíveis».

Uma azáfama desusada, assim ao ar da série televisiva «Fama», invade o já atribulado ambiente do Conservatório Nacional. Decoram os derradeiros ensaios para os exames finais de teatro. Em prova, 14 alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema. Três deles apenas na especialidade de encenação, os outros na de actores. Todavia, dois dos que escolhem encenação acumulam com a formação de actores.

Actriz «Criadas» encenadora de «Cadeiras»

Neste caso, está exactamente Graça Afonso, de 34 anos, finalista em exame de encenação e interpretação teatrais. Como encenadora ela apresenta no próximo dia 25, ao júri, formado pelos professores daquela escola Eurico Lisboa, João Mota e Rui Mendes, a peça de Ionesco «As Cadeiras». Como actriz, representa a patroa na peça de Jean Genet «As Criadas», encenada por um outro colega seu, o único que só escolheu esta especialidade, Ivó Bernardo.

Depois da estreia, como actriz, no Instituto Franco-Português, onde aquela peça esteve em cena para o grande público até sábado à noite, Graça Afonso viveu a atrozmente actividade do dirigir três colegas seus em «As Cadeiras», uma aposta para se lançar no controverso mundo do teatro. Um convite, pelo menos, já lhe foi dirigido, no sentido de apresentar, provavelmente em Outubro, a peça na Comuna.

EDITE ESTEVES
(TEXTO)
ANTÓNIO FAZENDEIRO
(FOTOS)

«Sei que é muito tarde para começar, é mais difícil, mas o certo é que a maior parte dos finalistas deste ano tem já uma vida profissional paralela. São poucos os pais que pagam cursos destes», confiou-nos Graça Afonso, que é professora de Inglês e de Alemão no Ensino Secundário, a dar aulas à noite, para poder estudar teatro de dia.

Explicou que começara a fazer teatro amador e que depois não deu para parar. Agora, sublinha, «não vou parar de fazer teatro, onde quer que seja, nem que tenha que voltar para o teatro amador».

Graça considera que o facto de ter voltado a ser aluna de novo, lhe deu uma maior maturidade pedagógica como professora. Por outro lado, no tocante à facilidade de comunicação com os alunos, sobretudo em línguas estrangeiras, Graça pensa que a frequência do curso de teatro lhe foi muito positiva.

«Um curso muito caro»

Lamentou, no entanto, a falta de condições existentes no teatro em Portugal, cujo exemplo flagrante está nas estruturas da própria escola, a funcionar nas instalações do velho Conservatório Nacional.

«A mim o curso custou-me muito caro, pois até carro tive que comprar para poder ultrapassar os problemas que se punham com os horários», queixou-se, apontando as deficiências que já anotámos, logo que chegámos. É a falta de salas para ensaios, a falta de insonorização das mesmas, a fim de evitar a invasão dos espaços alheios, que estabelece a confusão e, tantas vezes, atritos.

«É preciso ser-se masoquista»

«É preciso ser-se masoquista para ser actor em Portugal», observa, a nosso lado, Ana Thomas, uma portuguesa de 26 anos, que viveu 15 em França e que quis, por força, apren-

der a sua língua materna no palco, com a desculpa de que isso seria mais fácil.

«O certo é que continuei a falar mal português, mas consegui entrar na loucura que é o teatro em Portugal», diz, à laia de conclusão, deixando aparecer um sorriso aberto cheio de confidências.

«Ela é uma comica nata e talento-sa», comentou a encenadora.

Vamos-lhe na cara: Observámos na curta passagem que nos foi dado assistir da farsa trágica, em que interpreta a figura de uma velhinha de 93 anos.

O orador de «As Cadeiras», José Carlos Monteiro, tem 39 anos, é natural da Guiné e é desenhador, para substituir, acrescenta.

Começou a fazer teatro no Colégio dos Maristas, em Carcavelos, onde esteve internado.

«É uma coisa de criança — confidências-nos —. Quando era miúdo dizia sempre que queria ser cirurgião, corredor de automóveis ou actor».

Depois de ter estado num grupo amador e de desistir do curso de Direito, quando já estava no segundo ano, resolveu «entrar nesta aventura ou desventura do teatro», conforme classifica a frequência da Escola de Teatro.

Para Augusto Portela, de 27 anos, outro dos personagens visíveis de «As Cadeiras», o teatro é a sua grande paixão, ao ponto de pôr de lado o estágio de advocacia, que já havia começado, depois de se licenciar em Direito, para se entregar de alma e coração ao curso de actores.

Quando tinha 15 anos tirou um curso de teatro no Porto com João Coimbra, esteve numa companhia semi-profissional na cidade invicta e ficou decisivamente «amarrado».

«Quis acabar o curso de Direito, mas isto tinha que furar por algum sítio», justifica, afirmando no entanto, que se propõe terminar o estágio, depois do exame final de teatro, como uma segurança, pois o teatro é difícil viver.

Maratona dia 28

Os 14 finalistas da Escola Superior de Teatro dividiram-se em seis grupos para apresentar trabalhos. Assim, a par de «As Criadas», em cena no Instituto Franco-Português, e de «Proximal» de António Vaco, que já se realizou, vão ser apresentadas «As Cadeiras», e «X+Y=Z», de Fernando Azevedo, que também interpreta com Luísa Cruz e Maria da Luz Almeida, «O Mentiroso» de Cocteau e ainda «A Mais Forte» de Strindberg.

Uma maratona, no dia 28, a decorrer no Conservatório, irá mostrar todas as peças de final de ano, dos alunos da escola, desde o 1.º ao 4.º ano, numa sessão para as gentes do meio teatral.



Augusto Portela abandonou o estágio em advocacia para fazer o curso de teatro, a sua grande paixão desde miúdo



Graça Afonso é uma das três finalistas da especialidade de encenação, mas que também acumula com a de actriz. Paralelamente, ela é professora de Inglês e de Alemão do ensino secundário

Ensino Artístico - Conservatório